

---

**ENCONTROS E DESENCONTROS DE JOANA FRANCELINO DE LIMA: AS  
IDENTIDADES, AS PRÁTICAS DA SEXUALIDADE E O PODER EM  
OLIVEDOS – PB**

Rozeane Porto Diniz  
Graduada em história pela Universidade Estadual da Paraíba  
Kyara Maria de Almeida Vieira<sup>i</sup>  
rozeane\_porto@yahoo.com.br

Trata – se da tessitura da história de Joana Francelino de Lima tentando perceber sua representação enquanto Joana Preta, emblematizada de variadas formas e ocupando vários espaços. Partindo da análise de entrevistas com Joana Francelino de Lima e com mais cinco entrevistados, conta-se com o apoio da história oral. Entendemos que diante do envolvimento de Joana com vários espaços entre eles o do Farol, seu estabelecimento comercial foram produzidas várias identidades, que a codificam de inúmeras formas, práticas da sexualidade que demonstraram as suas astúcias diante de uma sexualidade insubmissa e o encontro de Joana com os poderes; religioso, público e jurídico, estes últimos tomados dentro do processo de urbanização do Município em 1978. Trata-se então de se refletir a partir das memórias recolhidas, como se deu a construção destas múltiplas identidades, em virtude por vezes das práticas da sexualidade, que incluíam e excluía Joana de determinados espaços de seu encontro com o poder tomando o Farol, enquanto espaço de representação. Desse modo, esse trabalho se justifica à medida que possibilita pensar acerca de Joana ocupando o Farol e outros espaços como “lugar praticado” e ainda de colocá-los como objetos do conhecimento histórico.

**IDENTIDADES: IMAGENS INVENTARIADAS PARA JOANA E POR JOANA**

Partindo do pressuposto de que a identidade não é unívoca e sim fragmentada, construída e reconstruída no tempo e no espaço, buscamos analisar a luz da historiografia<sup>ii</sup> que têm como objeto de análise o feminino, as identidades e os espaços, as várias imagens atribuídas a Joana Francelino de Lima.

Joana Francelino de Lima, nascida aos vinte e três de maio de 1926 no povoado de São Francisco, hoje Município de Olivedos-PB, viveu grande parte de sua

vida com dificuldades financeiras e junto com sua mãe “Maria loiceira”<sup>iii</sup> vivia de fazer panelas de barro para sobreviver numa família de muitos filhos, tendo que ajudar a mãe a criar os quatro irmãos.

Até os 18 anos de idade ela era apenas uma vendedora ambulante que trabalhava com intuito de ajudar sua família e morava na casa de sua mãe. A partir deste momento, ela decide trilhar o caminho da independência, quando se apossa por meios legais de um estabelecimento de nome Farol.

“Alcóolotra”, “carinhosa”, “mãe cuidadosa”, “mulher da vida”, “Joana Preta” foram algumas das adjetivações atribuídas a Joana Francelino de Lima. Porém, o “dicionário” que a codifica não para por aí, pois percebe-se que havia a Joana eleitora, transgressora de uma moral constituída, entre outras.

Uma das primeiras identidades atribuídas a Joana foi a de mulher negra, seu nome passou a ser dito acompanhado de uma adjetivo usado no sentido de sobrenome: Joana Preta.

Tratando-se de uma imagem que faz menção a cor de sua pele e que acabou se construindo como um estereótipo para lhe codificar, enquanto mulher negra e como tal marginal. Embora “ser mulata não tenha nada haver com prostituição” (GIACOMINI, 2006, p. 97), o que se observa é que há uma reatualização da forma como as negras eram vistas e quão eram sempre associadas aos desejos sexuais mais libidinosos, mulheres tidas como alvo de desejo. É então que se apregoa outra imagem a Joana a de prostituta, “mulher da vida”. A identidade de Joana como prostituta advém logo depois do momento de posse do Farol, e é atrelada as suas práticas cotidianas de vida dentro de tal espaço. Joana então transgride as regras da dita moral, não só por decidir morar sozinha, mas agora pelo fato de ser mãe solteira.

Ao ser nomeada como mãe, outra identidade lhe é atribuída, através da fala de sua filha, Maria Selma de Lima Santos, nascida em 13 de junho de 1971 e que no momento do auge e fim do Farol estava com 7 anos de idade. Em entrevista sobre o Farol e mesmo sobre sua mãe, Selma atribui inúmeras adjetivações que constroem Joana enquanto mãe: *“Ela era alcóolatra, me maltratava muito, quando bebia.”*<sup>iv</sup> *Quando tava boa ela era carinhosa, era sofrida, minha vida foi tumultuada, muito home, gente de todo tipo.”*

Entrevistamos o senhor Luiz José de Albuquerque Melo (Luiz), advogado, freqüentador do estabelecimento de Joana, mas não morava regularmente na cidade, vindo apenas a passeio. Luiz relatou conhecer um pouco do cotidiano do Farol e disse que Joana oferecia “um cafezinho e um pão doce”, que era uma de suas especialidades.

Luiz percebe o Farol como ponto comercial, o que traz a tona uma das imagens atribuídas a Joana preta, já citada por Selma. A identidade de comerciante, onde a mesma é vista com atributos de uma vendedora de lanches e dona de um ponto comercial, o qual Luiz freqüentara.

Outra identidade de Joana nos vem a tona a de eleitora quando das eleições de 1976, ela declara sua prioridade política nas eleições, quando se candidataram para a Prefeitura do Município o Senhor Genézio Gonçalves de Albuquerque Costa e Deusdedit de Sousa Lima. Genézio representava a situação, o partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA); e Deusdedit, candidato da oposição, portanto membro do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Joana declara ter votado no candidato que já havia sido prefeito do Município de 1966 a 1969, o senhor Deusdedit. Porém, quem ganhou as eleições daquele ano foi o senhor Genézio.

Joana diz que o fato de ter votado no candidato da oposição deixou Genézio com raiva. Como nos narra Joana: “*Ele tava com raiva porque eu num tinha votado nele, tinha votado em Deusdedit*”. É perceptível aqui que Joana se reconhece enquanto eleitora e como tal com o direito de exercer uma das formas de cidadania: o direito a escolha política. Apesar de Joana não ser obrigada a divulgar seu voto, pois já era secreto, Joana faz questão de elencar em quem votou sem medo de represálias. Na sua “produção de memória”, Joana se escreve e nos faz pensar “*como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão*.” (GOMES, 2004, p. 13 e 19).

No entanto, a identidade de Joana enquanto “mulher da vida” parece ter se sobreposto sobre as demais, já que, mesmo o Farol tendo sido extinto a mais de 30 anos, boa parte da população do local, ao se referir a rua na qual localizava-se o estabelecimento, não usam o nome dado posteriormente (Largo Teodósio de Oliveira Ledo), mas sempre se referem a rua como a rua do cabaré de Joana Preta.

A referida protagonista do Farol demonstrava por vezes se sentir, em pecado, justamente porque não se sentia dentro de uma normalidade, até porque seu estigma de “mulher da vida” para alguns não a deixava fugir da percepção de que ela estava contra toda uma ordenação que era tida como natural, portanto normal para uma mulher.

A própria Joana fez questão de ressaltar que no momento em que o Frei Damião havia passado pelo Município, ela teria mudado de vida, “*acabou tudo (...) quando eu saí da vida do mundo e mim confessei com Frei Damião*”. Joana diz ter se convertido com Frei Damião. Neste caso é latente que Joana atualiza mais uma escrita de si, agora como convertida.

No discurso de alguns entrevistados Joana ficou estigmatizada como Joana Preta, “ex-mulher da vida” e todas as pessoas entrevistadas, sem exceção, a conhecem por este nome que é representativo. Joana Francelino de Lima não é reconhecida por nenhum deles.

Neste sentido percebe-se que a invenção de si não é só produzida por Joana, mas pelos outros também, que atualizam num desfecho em que vemos em cena “*vários papéis sociais*.” (GOMES, 2004, p. 17).

## **PRÁTICAS DA SEXUALIDADE: ESPAÇO QUE INCLUI E EXCLUI**

As práticas da sexualidade que envolvem Joana são narradas por ela mesma e pelos demais entrevistados, num discurso envolvido em lembranças, e também em esquecimento. É através das narrativas que vai se produzindo os fragmentos desta memória, onde vai se configurando a produção de significados para as práticas de Joana, que em vários momentos são associadas ao espaço do Farol.

Neste caso, o Farol de Joana se constituía enquanto espaço de relações extraconjugais, mas não apenas, pois era um lugar festivo que oferecia também uma culinária por muitos desejada. Sendo assim, não era apenas espaço de realização do desejo sexual, mas um espaço de lazer, onde muitas pessoas iam para conversar acompanhados de uma boa comida ou simplesmente um bom lanche. Segundo Adler (1991 p.59) *Esse local (...) é um lugar de encontros, um centro de sociabilidade , o único estabelecimento que fica aberto até tarde da noite, isso porque o bordel no interior é também um café, (...)*

Mesmo dispondo de uma arquitetura bastante simples, esse espaço vai sendo apropriado pelos sujeitos das mais variadas maneiras, como nos sugere Luiz: *“Ele tinha duas portas grandes ao estilo buegas antigas.(...) uma porta do lado direito, uma porta do lado esquerdo e no meio a parede era aí justamente onde Joana atendia, tinha um pequeno balcão, um balcão tosco onde Joana atendia.”* Como percebe nessa fala, o local era semelhante às antigas ‘buegas’, pois acreditamos que antes de Joana tomar posse o local havia funcionado como ponto comercial.

No entanto, o estabelecimento de Joana recebeu outra denominação, associada as práticas da sexualidade de Joana atrelando-as a imagem de “prostituta”, qual seja, Cabaré. Segundo Joana a denominação nada tem haver com práticas sexuais e sim com a situação física do local: *“É porque era muito dirmantelado, Lú butou de Farol de Joana Preta, meu irmão. Eera veio caino os pedaço, o povo dizia aqui é um farol da mulesta”*. Joana ao tomar a palavra, inventaria o Farol a partir de outras verdades que não só a sua, mas a de seu irmão.

Joana então passa a relatar seu primeiro relacionamento com o senhor João Borges. João era um membro da elite de Olivedos, era solteiro e bastante conhecido na cidade, com um sobrenome que para o lugar é sinônimo de status.

Joana teve um relacionamento com João por dez anos de sua vida, com quem teve um romance que resultou na gestação de uma filha de nome Joana Darc, que morreu com pouco tempo de nascida. Ela fala de João de forma conflituosa, às vezes com saudosismo, outras vezes com pesar: *“Eu vivi com ele dez anos, a primeira menina que eu tive era dele nunca neguei a ninguém, mas quando eu tive logo ela eu num disse a ninguém de quem era. Aí Araújo olhou o pé da menina e descobriu essa é de João Borges.”* Na verdade Manoel Araújo de Souto era um amigo de Joana, inclusive era pessoa influente do lugar, já que chegou a ser prefeito do Município, entre 1970 a 1972 e tinha boas condições financeiras. Joana havia convidado Araújo para ser padrinho de sua filha e também para levar a criança à igreja para que fosse batizada, uma vez que era proibida de entrar na igreja.

Joana narra algumas das estratégias para se encontrar com João, pois não o encontrava dentro do Farol, mas num lugar perto de um rio que fica bem próximo a uma das entradas do Município.

Há outro encontro de Joana, com um homem conhecido por Beto de Zé Casado<sup>vi</sup>, o qual não conseguimos maiores detalhes, pois no Município não reside mais, ele encontra-se atualmente em São Paulo.

O relacionamento com Beto aconteceu de maneira peculiar e Joana relata com um tom de astúcia e prazer a maneira divertida como aconteceu e parece se orgulhar do caso, justamente porque foi desta relação que nasceu para Joana “a abençoada por Deus”, ou seja, nasceu sua filha Maria Selma de Lima Santos.

Selma nun foi fabricada aqui não, (...) Selma foi fabricada no rio de Maria Pibiti e com Beto de Zé Casado. Ele michia com agave, tinha uns motor lá, aí eu arrumei Selma. Eu ia apanhar feijão, apanhei a fava de manhã e fui apanhar o feijão de meio dia pá tade e foi nesse dia. Pronto! (risos).<sup>vii</sup>

É interessante salientar que elucida-se aqui mais um espaço, o do roçado, como desfecho das estratégias de Joana para não ser discriminada

## **ENCONTROS DE JOANA: OS PODERES RELIGIOSO, PÚBLICO E JUDICIÁRIO**

O primeiro encontro de Joana se deu com o poder religioso, quando teve a primeira filha Joana Darc, que nasceu com problemas de saúde não identificados naquele momento, mas que rapidamente a levou a morte.

Joana estigmatizada como prostituta ou simplesmente “mulher da vida”, não tinha permissão para entrar na igreja, era considerada impura e a igreja, tida como “casa de pureza”, não aceitava uma mulher totalmente dispare do ideal de Maria, ideal de pureza sexual, de castidade, de virgindade.

É então que deparando-se com sua filha em péssimo estado de saúde, Joana decide buscar ajuda nas práticas religiosas. No entanto, ela não vai diretamente à igreja, pois já sabia que não poderia entrar. “*Ai a bichinha adoeceu. Eu fui e disse vai morrer aí! Eu fui lá na casa de madrinha Luzia, chamei seu Araújo e madrinha Luzia pá batizar, eles era casado ai seu Araújo disse eu já vou Joana*”. Joana retrata o momento que sua primeira filha Joana Darc adoeceu. Ao constatar que ela iria morrer a primeira preocupação de Joana é com a benção religiosa de sua filha. Logo ela procura um casal de amigos seus, o senhor Manuel Araújo de Souto e sua esposa Luzia de Oliveira Souto

para que eles levassem sua filha para ser batizada, pois além de amigos eram também seus padrinhos. Assim Araújo e Luzia ajudaram a Joana e batizaram a menina, evitando que a menina morresse pagã.

Haverá um segundo encontro de Joana com o poder, porém este ocorrerá de forma mais explícita e será com o poder público executivo. Foi entre os anos de 1978 e 1979, devido ao fato do Farol seu estabelecimento comercial incomodar ao prefeito do então momento no processo de urbanização do Município.

O prefeito era Genézio Gonçalves de Albuquerque Costa, eleito pela ARENA, governa pela primeira vez o Município, tendo ganho as eleições de 1976, o governo segue até 1982. Opta por marcar seu mandato pelas grandes obras urbanas, que daria contorno e sensação de progresso ao Município, no segundo ano do seu mandato, o ano de 1978.

O primeiro plano seria trazer o calçamento, porém para calçar as ruas, era preciso adequar alguns moradores ao projeto de cidade planejada. Houve aqui uma produção discursiva sobre pretexto de alinhamento de rua em detrimento da retirada do Farol de Joana Preta do centro da cidade. O que de fato estava engendrado aqui era “*a preocupação com a moralidade pública*” (RAGO, 1991, p. 19), uma vez que o Farol era considerado um “prostíbulo” por grande parte da população do local. Em Olivedos transformações urbanas vão ocorrer a partir de então, com o calçamento das ruas e a criação de novos bairros, como o caso do bairro periférico de Princesa Isabel, para onde Joana foi deslocada.

É preciso salientar que houve eficácia na construção da memória histórica sobre a necessidade de desativação do Farol, pois todos os entrevistados disseram que o Farol foi desativado porque não estava acompanhando o alinhamento da rua. Mas, se está desalinhado é porque se estabeleceu um traço para o alinhamento, que poderia ser outro, mas que não foi. E mesmo que se mantivesse o alinhamento que destrísse o Farol, por que então não foi dada uma casa a Joana também no centro da cidade? É interessante salientar que:

toda e qualquer novidade acerca da aquisição de símbolos modernos que vinham do estrangeiro era considerado pela população das cidades (...) na Paraíba que fosse de pequeno ou médio porte, como uma conquista material e simbólica do “moderno”, ou seja, aquela cidade estaria na rota do mundo civilizado. (NASCIMENTO, 2008, p. 20).

No entanto, apesar do argumento citado acima ter se sustentado na maioria das vezes, é interessante perceber as contradições na fala de Marizete de Souto Albuquerque, primeira dama do Município naquele momento, portanto esposa do prefeito Genézio, pois quando questionada sobre as práticas concernentes ao Farol, a referida entrevistada responde: “*O Farol, ela vendia cocada, bolo e quando chegava uma pessoa que ela gostava, ela dormia com essa pessoa*” (risos). Com um tom de ironia percebe-se que havia além ou aquém do alinhamento da rua, algo que poderia incomodar: a efervescência sexual no Farol, ou mais precisamente na vida de Joana, um dos principais motivos de desativação do estabelecimento comercial

É diante de seu choque com o poder executivo que Joana vai se encontrar com o poder judiciário. Quando o senhor Luiz já citado anteriormente interfere indiretamente, para que segundo as normas jurídicas, tudo fosse resolvido em acordo. Legitimando assim, o processo de urbanização do Município, mesmo que tenha lutado para que Joana não fosse totalmente injustiçada.

O advogado acaba funcionando como facilitador para o processo de urbanização, favorecendo neste momento a Prefeitura, porém acaba ajudando Joana a não ficar totalmente desamparada, solicitando a Prefeitura um acordo que beneficiasse Joana, evitando o encontro de Joana com o poder judiciário de forma mais direta.

Hoje, parte do espaço onde se localizava o Farol é ocupado atualmente por uma loja de material de construção, sofisticada, e ainda que tem o nome da rua pregado na loja, Rua Largo Teodósio de Oliveira Ledo.

Neste sentido, percebendo de que forma se deu a construção moderna da cidade de Olivedos, se torna inquietante um fator: Joana tanto quanto Teodósio participaram da história do Município, porém esta só é lembrada enquanto ex-dona de cabaré, ex- mulher da vida, ou como Joana convertida da vida tida como devassa. Considerada desta forma, não se percebe ou não se admite sua contribuição para a construção histórica não só da rua, onde se localizava o Farol, como também do próprio Município. Mas, parece se querer suplantar os signos que associam a rua ao Farol e a prostituição, e portanto, a própria Joana. Todavia, foi dado a o nome da rua através de um projeto municipal, se construiu uma loja requintada de materiais de construção, e mesmo assim, a memória da cidade associada a Joana (Preta e muito mais que isso), ao Farol, parece se reconstruir com a força satânica daqueles/as que tem coragem de ousar ser feliz,



mesmo que para isso tenha que transgredir, que ir além do já estabelecido, de dizer para os códigos morais! Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe “ordenam dizer a verdade:” todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer. (FOUCAULT, 1988, p. 70-71)

---

<sup>i</sup> Orientadora

<sup>ii</sup> Entendemos o conceito de Historiografia segundo Michel de Certeau, o qual emprega, palavra história no sentido de historiografia, como uma prática, uma disciplina, seu resultado, seu discurso e sua relação. CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica”. In: **A escrita da História** – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 109.

<sup>iii</sup> Maria Louceira sua mãe recebeu este apelido em função das panelas que fabricava artesanalmente e que eram conhecidas popularmente de louças.

<sup>iv</sup> O destaque se deve ao espanto visualizado na fala da entrevistada.

<sup>v</sup> Entrevista realizada com Luiz José de Albuquerque Melo em junho de 2009.

<sup>vi</sup> Sem maiores esclarecimentos, apenas que seu nome completo é José Roberto de Sousa Alves.

<sup>vii</sup> Entrevista com Joana Francelino de Lima em agosto de 2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Laure. **Os bordéis Franceses, 1830 – 1930**. São Paulo; Companhia das Letras/ Círculo do livro, 1991. (Série A vida Cotidiana)

ALBUQUERQUE JÚNIOR. **Os “maus costumes” de Foucault**. In Revista de Pós-Graduação em História. V. 6 Universidade Estadual Paulista. 1998.

\_\_\_\_\_. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife. Edições Bagaço. 2008

\_\_\_\_\_. **História a arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da história**. Bauru SP: Edusc, 2007.

ANDRADE, Joel. **Projeto História: trabalhos da memória**. Nº 17. Educ. Fapesp. 2008

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil, S.A – Rio de Janeiro – 1989.

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALLIGARIS, Eliana dos Reis. **Prostituição: o eterno feminino**. Escula, São Paulo, 2006.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. 1ª Ed. Coimbra, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozeas, 1994. 10ª ed. Estabelecida e apresentada por Luce Giard.

\_\_\_\_\_ **A invenção do cotidiano: 2 Morar, Cozinhar**; Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endich Orth. - Petrópolis, RJ: Vozeas, 2000. 3ª ed. Estabelecida e apresentada por Luce Giarde Pierre Mayol.

\_\_\_\_\_ **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2007.

CIPRIANO, Maria do Socorro. História e literatura de cordel: Narrativas sobre a riqueza encantada. In ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Et al. **Entre línguas: Movimento e mistura de saberes**. UFC, Fortaleza, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2005.

\_\_\_\_\_ (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo; Graal 1988.

\_\_\_\_\_. **Outros espaços**. In. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In **Estratégia, poder/ saber**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes. 1997.

GOMES, Angela de Castro Gomes. (org.). **Escritas de Si: Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JARUSSI, Gerardus. **Bíblia Sagrada**. Editora Ave Maria. 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In. **História e Memória**. Campinas, Editora UNICAMP. 1984. 3ª Ed.

MACHADO, Charliton José dos Santos. NUNES, Maria Lúcia da Silva. Anayde Beiriz e seu corpo insurgente: outras “revoluções”. In. **Gênero e sexualidade: perspectivas em debate**. João Pessoa – Editora Universitária, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4ª Ed. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

NASCIMENTO, Uelba Alexandrino do. **O doce veneno da noite: Prostituição e Cotidiano em Campina Grande (1930 – 1950)**. EDUEFCG. 1ª Ed. Campina Grande – PB, 2008

NICKIE, Roberts. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos tempos, 1998.

\_\_\_\_\_. **Imagens da prostituição na história**. UEPB. Campina Grande – PB, 2004.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite: Prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, 1890 – 1930**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1985.

SILVA, Keila Queiroz. “Sem lenço e sem documento”: mulheres de 60, filhas de um novo tempo? In. GURJÃO, Eliete de Queiroz. (org). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. Secretaria da Educação. Campina Grande, 2000.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. **Territórios e Confrontos: Campina Grande – 1920 – 1945**. Campina Grande: EDUEFCG, 2006.

VERAS, Cassandra Carmo de Lima. **O espalho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935 – 1945)**. Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande PB, 1988.